

## “Spes Non Fallit”. A ontologia da esperança como virtude cristã.

*“Spes Non Fallit”.  
L’Ontologie de l’Espérance comme Vertu Chrétienne.*

JOSÉ RAFAEL SOLANO DURÁN\*

**Resumo:** Esta dinâmica de busca e encontro nasce no homem que tende para a busca do futuro vivendo sua tensão do que seja realmente seu ser e para onde irá quando se defrontar com um limite brusco de sua existência. A resposta tem que vir de algo que lhe garanta uma promessa, uma realização, já que as ciências modernas, a psicologia, a psicanálise, a sociologia e até mesmo a medicina e a história não foram capazes de dar uma resposta satisfatória à existência humana, pois se apoiam em aspectos superficiais do homem. Novamente o homem se encontra com o seu vazio e até mesmo se perde no seu vasto horizonte na busca de tender para o futuro, realizar-se plenamente em tudo o que executa e mais e mais caminha entre inquietude e insatisfação. Nem mesmo a experiência religiosa oferece uma resposta para o mistério do homem e sim esclarece quão grande e profundo mistério é o homem que encontra a resposta de sua existência e para onde tende somente em Deus, o Ser Absoluto e Nele repousa todas as suas inquietações e misérias.

**Palavras-chave:** Esperança. Ontologia. Futuro. Promessa.

**Résumé:** Cette dynamique de recherche et de rencontre naît chez l’homme qui a tendance à chercher l’avenir, éprouvant sa tension sur ce qu’est réellement son être et où il ira lorsqu’il sera confronté à une limite soudaine à son existence. La réponse doit venir de quelque chose qui garantit une promesse, un accomplissement, car les sciences modernes, la

---

\* José Rafael Solano Durán é Doutor em Teologia pela Pontificia Università Gregoriana. Professor da PUC-PR. Contato: [solanodu69@gmail.com](mailto:solanodu69@gmail.com)

psychologie, la psychanalyse, la sociologie et même la médecine et l'histoire n'ont pas pu donner une réponse satisfaisante à l'existence humaine, car elles s'appuient sur des aspects superficiels de l'homme. Une fois de plus, l'homme se retrouve avec son vide et se perd même dans son vaste horizon en cherchant à avancer vers l'avenir, à se réaliser pleinement dans tout ce qu'il fait et marche de plus en plus entre inquiétude et insatisfaction. Même l'expérience religieuse n'offre pas de réponse au mystère de l'homme, mais elle clarifie plutôt à quel point l'homme est grand et profond, un mystère qui trouve la réponse à son existence et où il ne tend qu'en Dieu, l'Être Absolu et en Lui reposent toutes ses préoccupations. et des misères.

**Mots-clés:** Espoir. Ontologie. Avenir. Promesse.

## Introdução

Em 30 de novembro de 2007, o Papa Bento XVI presenteou o mundo com a encíclica "Spes Salvi". Era de se esperar que um teólogo afeiçoado na escatologia cristã nos deleitasse com texto da envergadura do mesmo. Cada página da Spes Salvi contém uma direção contextualizada sobre a virtude que de maneira substancial fortalece a fé e o amor.

No contexto histórico em que vivemos com tantas correntes políticas, filosóficas, desenvolvimentos econômicos, revoluções tecnológicas, o mundo cibernético, a filosofia metaversal, os novos movimentos liberais que tentam apontar vigorosamente e com ênfase para o futuro como uma maneira de alimentar uma esperança, uma solução para as inúmeras angústias da pessoa humana. Esta é uma tentativa de fazer com que a humanidade amenize um pouco suas aflições e confie nessas "respostas" oferecidas pelas diversas correntes e pensamentos; pois, num dia mais ou menos longínquo, conseguirá resolver todos os seus problemas, satisfazer todas as necessidades, realizar todos os sonhos, poderá dar tranquilidade e paz para a humanidade confiada aos seus progressos.

Vejo que não podemos considerar a esperança como um mero e simples consolo que pode adentrar na história do homem e oferecer uma saída para o vale de lágrimas das tarefas terrenas que afligem o homem no todo. A esperança em sua dimensão abarca o ser humano no todo; a esperança é uma das condições vitais da vida humana que orienta toda a vivência cristã e dá uma resposta ao fim último do homem. Este é um dever primário da Esperança no seu real sentido. Ela deve alimentar uma esperança duradoura que tenha um início, um objeto

que a fundamente e dê credibilidade, para que possa o homem diante de tantas promessas ilusórias ser acompanhado em sua trajetória histórica para uma finitude que não lhe deixe a mercê de sua credibilidade e confiança.

Na compreensão de uma esperança mais abrangente em seu sentido que vai além, ultrapassa a dimensão de qualquer teoria de pensamento dialético a nível vertical de amenizar as angústias terrenas por um mero tempo, quero buscar neste presente trabalho procurar compreender a Esperança em sua dimensão vertical (vivência dos homens entre si) e horizontal (comunhão com Deus) e extrair a seiva de seu caráter transcendente, na qual se constrói um caminho e deste caminho uma vida iluminada pela Palavra de Deus porque o homem em seu peregrinar procura abandonar em algo ou alguém que lhe dê uma resposta ao seu fim último.

No entanto, nesta sede de estar sendo orientado para a busca de uma resposta, o homem por si mesmo busca um ponto de apoio, de encontro e a mente humana é estruturada para fazer com que o homem tenda para algo que está aquém de seu alcance racional e perceptível, tornando-o um ser atento a escutar o seu íntimo, sua voz interior, que o leve a descobrir no horizonte o Absoluto, que coordene seu existir e reabilite suas condutas para a meta de felicidade e serenidade que o aguarda na promessa de Deus, um Deus amor aberto e gratuito.

Esta dinâmica de busca e encontro, nasce no homem que tende para a busca do futuro vivendo sua tensão do que seja realmente seu ser e para onde irá quando se defrontar com um limite brusco de sua existência. A resposta tem que vir de algo que lhe garanta uma promessa, uma realização, já que as ciências modernas, a psicologia, a psicanálise, a sociologia e até mesmo a medicina e a história não foram capazes de dar uma resposta satisfatória à existência humana, pois se apoiam em aspectos superficiais do homem. Novamente o homem se encontra com o seu vazio e até mesmo se perde no seu vasto horizonte na busca de tender para o futuro, realizar-se plenamente em tudo o que executa e mais e mais caminha entre inquietude e insatisfação.

Nem mesmo a experiência religiosa oferece uma resposta para o mistério do homem e sim esclarece quão grande e profundo mistério é o homem que encontra a resposta de sua existência e para onde tende somente em Deus, o Ser Absoluto e Nele repousa todas as suas inquietações e misérias.

No entanto que esta resposta se torna completa e acabada na história da salvação em que a figura de Jesus Cristo é o modelo do homem novo que se solidariza com todos os homens para cumprir o projeto do Pai, realizar o sim do Deus da promessa oferecido ao “homem” em sua história peregrina. Nesta

história peregrina o homem se encontra com um Deus que se revela na Palavra e confirma uma Esperança que não abandona seu povo, faz deste homem confiante um sinal de esperança em sua corporeidade e mantém a esperança como sinal de amor no seio da comunidade eclesial, enfim, é um Deus que revela seu amor e garante sua fidelidade à promessa.

Minha proposta através deste texto não é outra a não ser aquela de colocar em diálogo Hugo de São Vitor, Joseph Ratzinger e Jürgen Moltmann. Uma espécie de mesa redonda ou "távola calda"; que nos permita retomar as reflexões de três épocas, três visões e três momentos sobre a virtude que nunca falha; que sempre está aí nos interpelando entre as realidades terrestres e celestes.

## 1 A Esperança

O tema da Esperança, na Teologia, é tratado pela dogmática, principalmente na escatologia, e pela moral, dentro do marco da doutrina sobre as virtudes teológicas.

A virtude teologal nos remete a um campo sobrenatural que surge do nosso próprio ser sobrenatural; pois o homem é um animal finito capaz do infinito. Neste vasto campo infinito fica difícil separar com clareza o que vem da graça e o que vem da natureza humana (Lepargneur, 1974, p. 43).

A graça é uma realidade em si na qual o ser humano entra em comunhão com a própria vida de Deus. E, o dinamismo da esperança é encontrar e atingir Deus; para o cristão a fé faz a aceitação e a realização desta dinâmica na qual norteia toda a nossa vida.

Para melhor adentrarmos no presente trabalho vejamos como Pe. Daniélou define a esperança cristã por se apoiar no passado para esperar o futuro:

A esperança cristã é, com efeito, essencialmente a virtude daquele que está no tempo. Ela se apoia sobre o passado para esperar o futuro, através da paciência do presente. E pode-se dizer que estão aí os três aspectos que a caracterizam: a existência das promessas de Deus e seu cumprimento começado. Ela está inteiramente voltada para o futuro. É a espera do término da História, do estabelecimento do reino de Deus. E no presente, ela é a fidelidade paciente, que persiste no meio das dificuldades e constitui o homem espiritual; o objeto da esperança, ainda, o destino total do mundo e da humanidade (Lepargneur, 1974, p. 44-45).

O cristianismo é totalmente escatologia, é perspectiva e tendência para frente, e por isto mesmo renovação e transformação do presente. A fé cristã vive da ressurreição de Cristo crucificado e caminha em direção as promessas da vinda do Cristo glorioso como fonte da nova transformação da criação. No entanto, que toda a pregação e mensagem cristã tem um cunho de orientação escatológica que leva a Igreja e toda humanidade a refletir sobre o seu futuro.

A “revalorização” da esperança em âmbito teológico, se deve, em grande parte, a J. Moltmann e sua “teologia da esperança”, mas também, ao atual contexto histórico.

Assim define Moltmann em sua teologia da esperança:

Vivemos num período em que os movimentos políticos, as orientações filosóficas, os desenvolvimentos econômicos, as programações tecnológicas apontam vigorosamente para o futuro, e fazem esperar à humanidade que, num dia mais ou menos longínquo, conseguirá resolver todos os seus problemas, satisfazer todas as necessidades, realizar todos os sonhos (Mondin, 1979, p. 349).

Ser cristão significa ter esperança de dias melhores em meio aos gemidos da humanidade, da Criação, dias de plenitude na graça realizada em Cristo Jesus. São Pedro em sua carta (1Pd 3,15) nos convoca a darmos testemunho e razão da nossa fé porque ela é alimentada pela esperança (Bíblia, 2002, p. 2171) Na carta aos Hebreus (11,1) temos uma clássica definição de fé: “A fé é um modo de já possuir o que se espera, um meio de conhecer as realidades que não se vêem” (Bíblia, 2002, p. 2097). Moltmann também ressalta a ênfase escatológica da fé cristã e sua esperança que vem sempre acompanhada de toda a história da salvação que traz um todo, um evento de verdade cristã; pois “não existe manifestação de Deus que não seja, ao mesmo tempo, também antecipação e promessa de gestos ulteriores de salvação para a humanidade” (Moltmann apud Mondin, 1979, p. 349). Segue ainda que,

a esperança não é uma virtude exclusiva do cristão e sim uma prerrogativa do homem como tal, pois, este é um ser imperfeito em fase de realização das próprias aspirações que espera conseguir a plena realização de si mesmo no futuro (Mondin, 1979, p. 350).

## 2 A esperança cristã

Na realidade a escatologia é idêntica a doutrina da esperança cristã que abrange tanto aquilo que se espera, como o ato de esperar, pois o cristianismo

e a fé cristã, em si, vivem da ressurreição do Senhor crucificado que é o ponto de partida do cumprimento da promessa de Deus.

O Catecismo da Igreja Católica no número 1817 afirma que:

A esperança é a virtude teologal pela qual desejamos como nossa felicidade o Reino dos Céus e a Vida Eterna, pondo nossa confiança nas promessas de Cristo e apoiando-nos não em nossas forças, mas no serviço da graça do Espírito Santo. Continuemos a afirmar nossa esperança, porque é fiel quem fez a promessa (Hb 10,23), (Catecismo, 2000, p. 489).

Ainda na dimensão da esperança que é colocada no coração do homem e que é experimentada como aspiração de felicidade, continua o Catecismo no número 1818:

A virtude da esperança responde à aspiração de felicidade colocada por Deus no coração de todo homem; assume as esperanças que inspiram as atividades dos homens; purifica-as, para ordená-las ao Reino dos Céus; protege contra o desânimo; dilata o coração na expectativa da bem-aventurança eterna (Catecismo, 2000, p. 489-490).

A esperança permite ao homem peregrino continuar sua caminhada hoje. A esperança é promessa para amanhã, mas é virtude do presente, assim, pois não impede de concebermos o caminho presente à luz de nosso conceito de futuro. A estrela que nos guia está adiante de nós, mas não brilha para nosso presente. Na atualidade, muitas esperanças que se apresentam como cristãs, necessitam ser analisadas e fazer uso de uma correta distinção pelo fato de tentarem mutilar a plenitude da esperança trazida por Cristo, pois o que está em questão é o sentido da vida; contudo, esta esperança não se atinge durante esta vida, portanto, (esta esperança) não pode ser esgotada.

Os motivos e os objetivos da esperança cristã são de ordem essencialmente diversa, seu fundamento não se situa no presente, mas sim no passado; situa-se em acontecimentos e em verdades que ultrapassam a ordem da experiência e da ciência. Sua confiança não se apoia em dados anônimos como a cultura, a ciência, a técnica, a política e a economia, mas sim sobre uma pessoa, Jesus Cristo, e, o que justifica a adesão a esta pessoa é um ato de fé, é uma experiência religiosa e sobrenatural. Esta adesão não é apenas captar e aderir a um ato de fé abstrato, é fazer a adesão a uma pessoa que, com seus atos concretos nos impulsiona a viver estes mesmos atos concretos; atos que nos alimentam a esperança de transformar uma realidade existente; é tomar

para si valores morais que nos levam a alcançar uma meta, um fim, a felicidade a partir deste ato de fé.

O futuro desta esperança cristã não se realiza no tempo como seu desenvolvimento lógico e natural, de forma espontânea, este futuro atua através de uma crise do mundo em que comporta uma transformação em novos céus e novas terras, como nos ensina a Sagrada Escritura com a história da salvação em que Deus atua na história do homem. Este futuro não se realiza apenas em uma determinada fase de um povo, mas, para toda uma geração da humanidade que almeja um futuro distante que se realize já no seu presente. Aqui é a chave para entender a esperança cristã em que busca traduzir a realidade daquilo que se espera.

É mister que esclareça quanto aos meios da esperança do mundo com relação à esperança cristã: a do mundo são naturais, materiais e mundanos, pois, provém do trabalho do homem e dos recursos da natureza, são o progresso técnico e científico que abrangem a área social do homem. Já a esperança cristã é de ordem sobrenatural, espiritual, divina. Sabe também que estes recursos são inadequados para atingir a meta que deseja; e, para atingir esta meta tem que recorrer aos meios espirituais que Deus na história da salvação, já deu generosamente. Deus conta ainda com a colaboração do homem para que leve a termo a obra da redenção a qual o Criador iniciou.

No entanto, é na dialética das promessas de Deus ao povo do antigo Israel e a vinda de Jesus, que não deixa de ser o Messias, que se fundamenta o objeto da esperança da aliança de Israel, onde renova em seu sangue a aliança, a aliança nova reconciliando toda a humanidade com Deus sem acabar com o dinamismo da esperança em que toda a humanidade aceita e toma consciência desta nova etapa.

“A questão da esperança de Israel se confundia, no AT com a questão do messianismo; a questão da esperança confunde-se atualmente com a questão da escatologia. É muito mais do que uma teologia dos novíssimos” (Lepargneur, 1974, p. 17). O objetivo principal da esperança que é a *beatitudo celeste*, só pode nos vir única e exclusivamente da misericórdia divina que nós aceitamos como graça.

Para B. Haering, Deus é o objeto material da esperança, sendo divino também seu objeto formal, ou seja, seu motivo, pois,

nossa esperança não se firma na capacidade humana (a cooperação humana é somente condição da esperança), mas exclusivamente nas promessas de Deus, pelas quais tomamos contato com a onipotência, o amor, a misericórdia e a fidelidade divinas” (Haering, 1979, p. 88-89).

Na sua dimensão mais profunda, a esperança apresenta-se como primeira solicitação da caridade divina, como um convite à imitação de Cristo, bem como amá-Lo e servi-Lo por amor, pois, a esperança é um elemento essencial da imitação de Cristo. E nos encaminha a viver o amor que constantemente nos estimula e nos alimenta para uma esperança cada vez mais sólida e perfeita e, será então, como uma eterna gratidão pelas graças recebidas de Deus que nos amou primeiro.

Quanto ao conteúdo da esperança, podemos expressá-lo na sintética frase de Haering: “a esperança sobrenatural significa esperar a Deus por Deus e em virtude das promessas de Deus infinitamente bom, poderoso e fiel.” (Haering, 1979, p. 89).

### 3 A esperança como virtude moral

#### 3.1 Dimensão antropológica: o corpo humano como sinal de esperança

Para melhor elaborar esta reflexão me apoio na obra de B. Haering (Livres e fiéis em Cristo), uso como fonte também a obra de S. Politi (História e Esperança), a de J. Alfaro (As esperanças intramundanas e a Esperança Cristã, Concilium 59 (1970, p. 1120-1129)).

O corpo humano animado pelo espírito é um instrumento e manifestação do próprio espírito de Deus que age no humano. Temos a confirmação e a plenitude do corpo espiritualizado e resgatado pela encarnação do Verbo. Pois, no corpo humano e principalmente sendo humano Cristo nos traz a manifestação de Deus como Deus-Filho no corpo na sua totalidade de expressão como linguagem de verdade e de amor.

Na sua paixão, morte e ressurreição, Cristo crucificado é eloquência do amor todo-abrangente e salvífico. Cristo ressurreto constitui a realização das promessas de Deus-Pai. No corpo de Cristo resplandece à glória do Pai e toda verdade sobre a criação e a história. O cristianismo assume a forma sacramental na qual o mistério e a promessa são corporificados na pessoa de Jesus de Nazaré; “Ele é a Imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda criatura [...]”; aqui Paulo citando um hino cristão primitivo na carta aos Colossenses 1,15 ressalta a soberania e o primado de Cristo na primeira criação e na nova (Bíblia, 2002, p. 2054). Na Epístola aos Hebreus, capítulo 1,3, exprime-se a identidade da natureza entre o Pai e o Filho e também a distinção das pessoas, como expressão de uma metáfora tomada da teologia alexandrina da Sabedoria e do Logos: “É Ele o esplendor de sua glória e a expressão do seu Ser” (Bíblia, 2002, p. 2085). Portanto, a fé cristã, na ótica do “mistério”, mistério



escondido em Deus já no início da criação e em toda a eternidade, agora é realizado e manifestado em Jesus Cristo.

Para a fé cristã, o próprio Jesus é o sacramento primário do nosso encontro com o mistério divino da promessa. Para a Igreja, Jesus é o “Cristo”, a Palavra de Deus, a auto-revelação de Deus. [...] a revelação tem sua origem na consciência que tinha Jesus da chegada do futuro de Deus. A revelação, pelo menos no sentido cristão, nasceu da mente, da alma e da imaginação judaica do homem Jesus de Nazaré, com sua visão única do “Reino de Deus” (Haught, 1998, p. 145).

Uma leitura mais radical de nossa corporeidade com relação à revelação realizada em nós pelo ressuscitado que vem ao encontro de nossa fraqueza humana, eliminaria a mentalidade de desprezo pelo corpo; pois as nossas distorções pecaminosas da nossa vida, por via de nossa consciência, desfiguram e desviam os nossos desejos e aspirações de atingir a elevação de dignidade de pessoa humana pelo Criador, vivendo a dimensão humana como abertura para o transcendente, para o Absoluto. “No fundo é um insulto à criatividade de Deus e à capacidade visionária natural que sustenta a existência humana” (Haught, 1998, p. 149). A doutrina cristã enfatizou a beleza e bondade da criação como sendo boa e esta bondade está como que impressa em nossa existência humana.

A propensão para o sonho, o desejo e a esperança é parte essencial da nossa criaturalidade. Arrancar pelas raízes e jogar fora como imprestáveis nossos hábitos visionários inatos seria ato de violência para com a ordem criada. Se a revelação traz algo de novo e inesperado, deve de algum modo conectar-se com a estrutura das nossas expectativas presentes (Haught, 1998, p. 149).

Na obra de Haering (1979, p. 395), ele mostra que na filosofia grega, mais precisamente em Platão há uma visão pessimista sobre o corpo, “corpo como prisão da alma”, há uma concepção de matéria decaída, a alma como imortal. Perde-se a esperança na criação em sua inteireza.

Jesus revela a promessa do Pai na radicalidade de seus ensinamentos e ações sobre o reino de Deus, dando uma nova visão de resgate da beleza e dimensão do corpo como expressão do amor do Criador revelado em nós. Jesus sacramentaliza o Deus compassivo, cuja promessa está chegando ao seu cumprimento; na sua urgente visão da união da humanidade com Deus, apresentada pelo evangelista João em que a esperança ganha um aspecto mais

místico: "A vida e as palavras deste extraordinário abre o mistério do futuro para os seus seguidores de maneira tão radical que funciona para eles como a própria revelação de Deus" (Haught, 1998, p. 156). No entanto, em suas parábolas Ele convidava os seus seguidores para uma ação no presente com uma abertura mística para o futuro.

A nova visão cristã, que também é um resgate do Gênesis 1,10, mostra que a criação é boa, isto é, "Deus viu que isso era bom" (Bíblia, 2002, p. 34). A visão cristã resgata a beleza de toda criação em sua totalidade, ato de amor do Deus Criador. No corpo se manifesta a pessoa humana e toda humanidade possui seu "corpo". A beleza da fé cristã encontra seu auge no Corpo de Cristo ressuscitado. Nele toda promessa do Pai se realiza. "A esperança da ressurreição dos mortos é um elemento central para a fé cristã" (Haering, 1979, p. 395).

Na dimensão da ressurreição como fundamento da pregação cristã, o Kerigma, o texto de Paulo na carta aos Coríntios no capítulo 15,12-13, como uma catequese para conter o erro a respeito da ressurreição e da fé cristã, vemos o seguinte:

Ora, se se prega que Cristo ressuscitou dos mortos, como podem alguns dentre vós dizer que não há ressurreição dos mortos? Se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou (Bíblia, 2002, p. 2013).

Percebemos aí a fé na crença da ressurreição e, principalmente a valorização do corpo, pois Paulo segue com sua carta aos Coríntios neste mesmo capítulo 15, mais adiante vv. 39-44 e nos mostra que há realidade diversificada entre a materialidade das carnes, isto é,

nenhuma carne é igual às outras, mas uma é a carne dos homens, outra dos quadrúpedes, outra a dos pássaros, outra a dos peixes. Há corpos celestes e há corpos terrestres. O mesmo se dá com a ressurreição dos mortos: semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível; semeado desprezível, ressuscita reluzente de glória; semeado corpo psíquico, ressuscita corpo espiritual (Bíblia, 2002, p. 2014-2015).

"A fé e a esperança na ressurreição não permitem nenhuma forma de escapismos em face deste mundo" (Haering, 1979, p. 396). Mais uma vez a primeira carta aos Coríntios 6,20 nos convoca ao testemunho da dignidade de filhos resgatados, onde a glória do Senhor tem que ser manifestada em nossos corpos terrestres "glorificarmos a Deus em nossos corpos" (Bíblia, 2002, p. 2000) durante nossa existência terrena.

“Cristo com sua presença na história representa o começo e o fim da história” (Alfaro, 1970, p. 1120-1129). A vida de Jesus manifestada em nossos corpos é sinal que somos resgatados para uma vida nova no Espírito do Senhor. Mesmo peregrinando nesta terra já participamos da vida em Cristo glorioso. Compromisso do cristão que recebeu em seu corpo a ressurreição em Cristo, o dever de irradiar a esperança de que o mundo inteiro participará e de certa forma participa da redenção em sua totalidade “pois sabemos que a Criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente” como exorta Paulo na carta aos Romanos 8,21-23 acerca do nosso destino final e de nossa esperança (Bíblia, 2002, p. 1979-1978).

Jesus Cristo fez da terra um lugar habitável justamente por causa da esperança. Curou paralíticos, cegos e fez milagres. Irradiou paz, alegria, misericórdia e fome, sede de justiça. “E é isto que seus discípulos podem e devem fazer em sua vida corporal” (Haering, 1979 p. 397). O cristão tem que estar consciente do seu valor corporal, isto é, o sinal de esperança que ele representa no mundo hodierno.

Não podemos cair no erro de outrora, que pretende sustentar uma constante dicotomia entre o corpo e o espírito como duas realidades estanques, temos que trazer sempre em mente, que “nosso corpo é um corpo animado pelo Espírito, criado à imagem e semelhança de Deus” (Haering, 1979, p. 397).

Mas podemos questionar o que são “corpos espirituais”? Paulo, é claro, não pôde explicar. Mas afirma que serão à imagem de Cristo, “homem celestial”.

A partir disto, podem-se já enumerar as características da ressurreição dos mortos na fé das comunidades do Novo Testamento vejamos como Sebastián Politi elenca em sua obra:

É cristocêntrica (não explica a si mesma, nem é uma espécie de continuação natural da vida, porém é participação na de Cristo como ação salvífica, escatológica e de graça de Deus).

É escatológica-futura (dar-se-á no fim do mundo).

É somática (ressurreição do homem, não apenas da “alma”. Ressurreição “da carne”).

É corporativa (não individual, mas participativa da Igreja escatológica, “Corpo de Cristo”).

É cósmica (não apenas do ser humano: toda criação participará de alguma forma na ressurreição. Haverá um mundo transformado) (Politi, 1995, p. 194-195).

Portanto, a ideia cristã da ressurreição não consiste em que “a alma vai para o céu”, como nos desenhos animados. A ressurreição não é o mesmo

que a imortalidade natural da alma da filosofia grega (que tanto influenciou na concepção escatológica de muitos cristãos). Não se espera a "salvação da alma", e sim a ressurreição do homem, que, pelas cinco características acima enumeradas, é algo muito diferente.

Nosso corpo na sua globalidade deve ser instrumento do Senhor Jesus, é utilizando nosso corpo que Cristo permanece e age em nosso meio. E seu agir através dos cristãos é sinal impregnado de esperança neste mundo, é a vivência escatológica do "já" e "ainda não".

Nossa sexualidade humana quando vista dentro da perspectiva cristã nos traz uma dimensão essencial de esperança na comunhão final com Deus. Por fim, nossa sexualidade em sua inteireza nos desperta a esperança, como sustenta as promessas de Deus-Pai.

### 3.2 A moral cristã apoiada pela esperança

A esperança revigora a prática da palavra de Deus na vida diária do cristão do ponto de vista moral, pois ajuda-nos a compreender que "Deus é o único valor para o qual precisamos tender, corrigindo as pequenas e medíocres ilusões que costumam encher os sonhos do homem, mas que são indignas dele" (Orduña, 1983, p. 135). Já sob o ponto de vista da fé, cremos que esta "é a garantia antecipada do que se espera, a prova de realidades que não se vêem". A epístola aos Hebreus resgata esta realidade como uma fé exemplar tendo por modelo a fé dos antepassados, pois a fé é orientada para o futuro, ela é a base e força de toda a confiança do cristão (Bíblia, 2002, p. 2097). Tal convicção gera nos cristãos um propósito de vida.

Para que este mundo possa ser transformado, do ponto de vista humano, é importante que deseje a liberdade, mesmo correndo o risco de vê-la usada para o mal: "a esperança cristã bem como o desejo de crescer no reino da liberdade precisam encarar a possibilidade de que a liberdade venha a ser erradamente usada para o mal e para a autodestruição" (Haering, 1979, p. 372).

Viver a esperança significa ser pessoas de comunhão no seio do povo de Deus. A *Gaudium et Spes* no número 1 assim expressa: "pois as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo" (Compêndio, 2000, p. 143).

No entanto, ninguém espera uma realidade que não seja boa; todos almejam algo supremo e digno de ser alcançado, que nos impulse à conquista, assim é o dinamismo da esperança, é correr para uma meta mesmo que pareça impossível, pois a promessa de Deus é digna de crédito e se torna possível essa realização.

Quem espera luta para viver no bem amado e para combater os obstáculos que atrasam a tendência para ele e impedem suas antecipações. Em sua expressão mais autêntica, a esperança é relação entre pessoas; é estímulo para a libertação e a expansão da amizade e da solidariedade; é esforço magnânimo que tende à realização do que facilita e permite a paz inter-mundana no desfrutar a criação e na aspiração à vida com Deus [...] A esperança teológica acha-se estreitamente ligada ao estado de caminho, é a prerrogativa dos que caminham; baseia-se na vida da graça, na incorporação a Jesus Cristo ressuscitado; qualifica todas as fases da existência e faz convergir para a salvação pessoal, para a vida em Deus na glória e para a manifestação do Deus-Trindade na parusia (Compagnoni, 1997, p. 1309).

Esta esperança e seu dinamismo são constantemente impulsionados pelo Espírito, segundo Paulo na carta aos Romanos 5,5, que já citamos esta passagem anteriormente e a retomamos mais uma vez para atestar a importância da ação do Espírito na ação do crente e na esperança (Bíblia, 2002, p. 1973) que transforma os que aderem ao chamado de Jesus em novas criaturas, novo povo; capacitando-os para agir como o próprio Cristo agiu, capacita as pessoas para testemunhar uma fé cristã. Na união com Cristo no Espírito descobrimos a beleza do “bem”. A esperança cristã, como já citei acima, está enraizada na fé em Deus-Trindade e numa promessa redentora consumada no Ressuscitado, pois “a humanidade em Jesus Cristo está irreversivelmente viva em Deus e nela são os que por meio do Espírito e dos sacramentos são enxertados nele” (Compagnoni, 1997, p. 1310).

Ensina-nos a Igreja na *Gaudium et Spes* no número 21,3 que a esperança escatológica não deve levar, jamais, ao afastamento das obrigações aqui nesta vida terrena, contudo, “faltando ao contrário o fundamento divino e a esperança da vida eterna, a dignidade do homem é prejudicada de modo gravíssimo” (Compêndio, 2000, p. 163).

As nossas atitudes podem nos levar a um afastamento de Deus. Na pessoa de Jesus Cristo e no seguimento de seu Evangelho podemos manter o elo de ligação com Deus: “a esperança está ligada ao caminho percorrido por Jesus [...] que nos leva a assumir o mal humano a fim de impedir que ele dificulte nossa união com Deus” (Compagnoni, 1997, p. 1310). Jesus nos motiva a cultivar a esperança e nos ajuda em nossa mudança de atitudes. A motivação de Jesus nos leva ao encontro da fragilidade humana, da dureza de seu coração que nos impulsiona a implantar uma inimidade com Deus, a sair deste caminho de dinamismo, opondo-se à fidelidade a Deus; no entanto, que Ele exorta à vigilância na espera da consumação da esperança. Jesus em muitas ocasiões pede vigilância para não esmorecer diante do cansaço que é a prova

de maior peso para a esperança devido ao retardamento da manifestação do Senhor e pelo sucesso do mal em nosso meio.

A esperança é um caminho que se faz na solidariedade com os demais, uma solidariedade pautada pela misericórdia, onde cada ser humano uns com os outros se apoiam e caminham juntos na confiança; aqui também é uma fagulha da manifestação de Deus e de seu amor que resplandece em nossas atitudes como sinais de luta contra a força do mal e da morte.

Viver na esperança significa ser pessoas de comunhão no seio do povo de Deus; testemunhar, com verdade e fidelidade, por meio de sinais efetivos e eloqüentes, o amor que Deus tem a todos; contribuir para a libertação da criação (Rm 8,20) (Compagnoni, 1997, p. 1310).

Os cristãos são muitas vezes assediados por falsas esperanças que nos afastam de Cristo e da moral, estas falsas esperanças se fundamentam em utopias fantasiosas que não contemplam a pessoa humana como um todo: "em defesa e, em benefício do futuro da esperança, os cristãos têm de desmascarar as falsas esperanças" (Chardin apud Haering, 1979, p. 386).

Moltmann em sua obra Teologia da Esperança dá destaque para a missão como uma efetivação da esperança como realização do ser humano.

Esperança e missão escatológicas tornam, portanto, "histórica" a realidade dos seres humanos. (Moltmann, 2005, p. 355) Deus é manifestado na missão como o Deus que chama e promete (Moltmann, 2005, p. 356). Através das narrativas bíblicas o homem não é comparado com os animais no seu processo de saber quem ele é? Também não como *coram Deo*, como diziam Agostinho e os reformadores. Todavia, a questão quem é o homem, é colocada em vista da missão, isto é, a partir da missão o homem vai descobrindo seu ser no processo da história, essa possibilidade de conhecer-se através da história rompe e transcende com a mesma, vai além das barreiras horizontais, do possível humano.

Neste processo vemos alguns profetas que se descobrem a partir da missão que o Senhor lhes concede a fazer, por exemplo, Jeremias 1,6, reconhece quem ele é e quem foi, tendo em vista sua missão: "Ah, Senhor, não sei falar e sou muito moço" (Bíblia, 2002, p. 1362).

No processo da *missio divina*, o homem se auto-conhece, pois a missão divina traz possibilidades ao homem que em termos naturais seria impossível de realizar, abre a possibilidade do ser humano ser aquilo que ele ainda não é, a via do possível se torna um fato, pois advém não do homem em si, mas *ad extra*, isto é, do Senhor que na sua gratuidade presenteia o homem de ser realmente filho de Deus. E isto implica, que Deus estará com ele agora, no futuro, pois a missão o impulsiona para isso.

O chamamento e a missão revelam o ser humano não somente a si mesmo, de modo que, ele sempre se possa compreender como aquele que ele é; por isso, segundo a linguagem do Antigo e do Novo Testamento os seres humanos, juntamente com o chamamento, recebem um nome novo e com o nome novo uma nova natureza e um novo futuro (Moltmann, 2005, p. 358).

Os chamamentos no Antigo Testamento segundo Moltmann são “especiais e contingentes”, Javé escolhe um povo e chama alguns profetas para o mesmo povo. No Novo Testamento o chamamento se torna universal sem distinção de “judeus e gentios”. O apelo do chamamento é de uma esperança escatológica e para a “salvação definitiva e universal” (Moltmann, 2005, p. 359).

Neste chamamento universal para a salvação de todos, o crente cristão leva a verdade em que acredita, este chamamento que parte de uma antropologia cristã tende também para uma antropologia filosófica universal, pois procura compreender o ser humano historicamente, “mas uma compreensão do humano a partir de seu futuro” (Moltmann, 1971, p. 359). “O ser humano só é definível a partir do escopo em cuja direção caminha” (Moltmann, 1971, p. 359).

No processo de evolução, no seu aprimoramento o ser humano vai se construindo na história, é na perspectiva de espera que ele toma consciência que ainda não está acabado, completo. É na sua abertura para o futuro e para o mundo, que o ser humano vai de certa forma se plenificando, isto é, caminha para sua totalidade que ainda não está concretizada, mas é aspirada com gemidos inefáveis para uma nova criação. Como diz Moltmann o ser humano se encontra agora “*in statu nascendi*”, isto é, continua ele “no processo de efetivação por intermédio da palavra de Deus que chama, atrai, impele” (Moltmann, 1971, p. 360).

“Somente a esperança entende a “expectativa da criatura” pela liberdade e verdade” (Moltmann, 1971, p. 362).

A pessoa humana chamada por Deus, sai de uma estrutura cíclica da história da “cidade permanente” para entrar num âmbito de busca da “cidade futura”. O mundo entra numa possibilidade de transformação, pois a esperança no Deus da promessa leva a uma obediência de esperança. Neste processo de transformação o sujeito fundamental é o Espírito, é o Espírito que articula toda ação do crente, pois suas expectativas a “respeito da história estão abertas e ligadas às promessas futuras do Deus em que crê” (Moltmann, 1971, p. 363).

## Conclusão

A esperança como virtude teologal impulsiona o ser humano para a busca da sua autorrealização tomando consciência, como cristão, da dimensão escatológica de sua fé que desemboca na abertura para o Criador, para com o

Transcendente, para o Absoluto. Nessa fé escatológica tendo a esperança como virtude os cristãos se distinguem dos demais que não têm esperança, não têm a expectativa de tender para uma resposta sobre seu futuro, seu fim último.

Em Cristo nós esperamos e aguardamos a realização de um mundo novo, uma transformação do nosso ser que em solidariedade fomos resgatados e elevados a dignidade de corpos glorificados e ansiosos aguardamos esta consumação. Esta esperança cristã não deve nos levar a um isolamento da esperança secular que nos é oferecida porque como peregrinos devemos buscar dias melhores e juntos, irmanados num ideal de felicidade, que só encontramos em Deus o objeto da esperança, testemunhamos a nossa fé e nossa esperança ao mundo que prega uma cultura de morte e exclusão, uma cultura sem esperança.

Nós cristãos não podemos esquecer de que essa realidade em que vivemos está inserida numa perspectiva imóvel, dinâmica e histórica que caminha para um "futuro elevado". Como o caminho percorrido pelo povo de Israel na busca da realização de sua esperança onde fazem parte de uma história da salvação, não é, para nós uma esperança utópica e sim concreta que se constrói na colaboração de todos no projeto amoroso de Deus que se revela em Cristo e nos convida a dar credibilidade de nossa fé na esperança cristã via testemunho de vida e de solidariedade.

Dentro de nosso mundo dilacerado por discórdias, utopias, ausência de verdade, nossa esperança tem que confrontar com um juízo crítico diante dos valores, elaborados por homens, apresentados como falsos; a esperança tem como papel fundamental encorajar os homens do nosso tempo a almejar um "futuro elevado" que transforme sua maneira de ser e que possa implantar um reino de paz, justiça e amor, foi essa a dinâmica que levou o pequeno povo eleito a buscar uma terra melhor, um modo de vida centrado na fidelidade e solidariedade, um povo que acreditou numa promessa que o levou a uma nova vida.

Contudo este reino novo é o protótipo do Reino de Deus que a esperança cristã refere-se e que já aconteceu e está em nosso meio; este reino teve início com a encarnação do Jesus Cristo e perpetua mediante a Igreja como sinal de esperança, uma esperança que desenvolve o Reino de Deus pelos séculos sempre anunciando a Verdade, a verdadeira promessa. E, esta promessa não é fechada para um grupo apenas, seja ele cristão ou católico, ela é aberta a todos, é uma promessa gratuita selada em Jesus, revelação do amor do Pai.

É no mistério pascal de Cristo que este amor de Deus se revela como prêmio e dádiva de nossa esperança, onde manifesta a misericórdia, a bondade e a justiça divina para com suas criaturas frágeis e infiéis; no entanto, tudo o que Deus realizou no seu Filho, realizará também em nós como consumação



de sua obra; essa gratuidade se realiza pela nossa união a Cristo e pela sua solidariedade no amor para conosco.

Nessa esperança nascida com Jesus nasce para o homem um novo horizonte, um novo modo de pensar, de esperar. O homem deve continuar na busca desta esperança aconteça o que acontecer, pois Deus é nossa esperança, nossa meta final. Em Cristo, no mistério de sua morte e ressurreição, temos um sinal visível e concreto de que Deus não nos abandona, Ele é fiel e cumpre sua promessa, cabe a nossa liberdade aceitar e viver esta esperança cristã como virtude moral.

O Papa Francisco tem insistido ao longo da preparação do ano santo de 2025 na expressão “peregrinos da esperança”; é sem dúvida a maior de todas as peregrinações realizadas na vida de quem crê. Esperar e viver na esperança como aquele dinamismo especial de quem se sabe amado por Deus e não quer perder de vista que esperar é uma constante na vida do cristão.

Ratzinger o dizia numa homilia de 1969 quando parecia que a esperança cristã já não tivesse mais nada a dizer no mundo:

A Igreja diminuirá de tamanho. Mas dessa provação sairá uma Igreja que terá extraído uma grande força do processo de simplificação que atravessou, da capacidade renovada de olhar para dentro de si. Porque os habitantes de um mundo rigorosamente planejado se sentirão indizivelmente sós. E descobrirão, então, a pequena comunidade de fiéis como algo completamente novo. Como uma esperança que lhes cabe, como uma resposta que sempre procuraram secretamente.

O segredo da esperança não está em esperar utopias como alguns planejam; nem muito menos em planejar processos e metodologias conquistadas através da artificialidade do mundo no qual nos encontramos. A esperança nos tornará sempre e cada vez mais criativos e nos permitirá ver na sua ontologia a força do Ressuscitado.

## Referências

ALFARO, J. *As esperanças intramundanas e a esperança cristã*. Concilium 59 (1970) p. 1120 a 1129.

BAUER, Johannes B. *Dicionário de Teologia Bíblica*. Traduzido por Helmuth Alfredo Simon. v.1. São Paulo: Loyola, 1973.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BLANCO, Pablo. *Joseph Ratzinger: uma biografia*. Tradução de Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 2005.

- BORN, A. Van Den. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CATECISMO da Igreja Católica. Petrópolis/São Paulo: Vozes/Loyola, 2000.
- COMPAGNONI, Francesco; PIANNA, Giannino; PRIVITERA, Salvatore. *Dicionário de Teologia Moral*. São Paulo: Paulus, 1997.
- COMPÊNDIO do Vaticano II. *Constituições, Decretos e Declarações*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HAERING, Bernhard. *Livres e fiéis em Cristo. Teologia moral para sacerdotes e leigos*. Teologia Moral Geral. São Paulo: Paulinas, 1979. v. I
- HAERING, Bernhard. *Livres e fiéis em Cristo. Teologia moral para sacerdotes e leigos*. A verdade vos libertará. São Paulo: Paulinas, 1979. v. II
- HÄRING, Bernhard. *A Lei de Cristo. Teologia Moral Especial*. A Vida em comunhão com Deus. São Paulo: Herder, 1960. T. II
- HAUGHT, John. F. *Mistério e Promessa. Teologia da Revelação*. São Paulo: Paulus, 1998.
- LÉON-DUFOUR, Xavier. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1972.
- LEPARGNEUR, H. *Esperança e Escatologia*. São Paulo: Paulinas, 1974.
- MCKENZIE, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Bíblico*. Traduzido por Álvaro Cunha. São Paulo: Paulinas, 1983.
- MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*. Estudos sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia cristã. São Paulo: Herder, 1971.
- MONDIN, Battista. *Antropologia Teológica*. História problemas, perspectivas. São Paulo: Paulinas, 1979.
- ORDUÑA, R. R.; BARTRES, G. M.; AZPITARTE, E. L. *Práxis Cristã*. v. I. Moral Fundamental. São Paulo: Paulinas, 1983.
- PIAZZA, Orazio Francesco. *A Esperança*. Lógica do impossível. São Paulo: Paulinas, 2004.
- POLITI, Sebastián. *História e Esperança*. A escatologia cristã. São Paulo: Paulinas, 1995.

Artigo recebido em 01/10/2024 e aprovado para publicação em 17/10/2024

### Como citar:

DÚRAN, José Rafael Solano. “Spes non Fallit”. A ontologia da esperança como virtude cristã. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 23, n. 46, p. 219-236, jul./dez. 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v23i46-2024-5>